

Duas Marias e Meia

Não é que se sentisse triste, mas não sabia o que sentia. Queria conseguir dar um nome para o aperto no peito que sentia quando acordava, o nó na garganta, o choro embargado. Angústia que não cabia apenas na palavra ansiedade. Há seis anos frequentava os dois prédios da Faculdade de Direito – Vetusta, como chamam os orgulhosos dos dois blocos de concreto no centro da cidade. No piloto automático, há seis anos pegava o mesmo ônibus, no mesmo horário, fazia o café sem paciência, sem medir a água ou o pó e quando ficava razoável acreditava ser sinal de dia bom.

Buscava no dia a dia delicadezas que a fizessem fugir, por um minuto que fosse, dos prazos para entrega de artigos, da preparação para a qualificação, dos colegas que tinham lido todos os livros e faziam questão de mostrar, com a maior arrogância possível, como desde crianças estiveram cercados de autores que só há pouco tempo começou a ouvir falar sobre. Tentava esquecer do orientador que a diminuía a cada versão enviada, nunca tinha lido o suficiente, a escrita era simples demais, não combinava com o programa para o qual ela tinha se candidatado, nota máxima na avaliação nacional, sempre no topo dos rankings. Muita gente queria estar no seu lugar, ele dizia, sem saber se ela queria continuar vivendo assim por um título. Mestre, nunca conseguia imaginar seu nome junto a essa palavra. Mestre Bethânia, não combina com ela esse ar de autoridade.

Tinha um nome afetivo, que carrega o amor do pai pela voz mais forte que já ouviu, que canta e declama poesia, de pés descalços, sempre honrando Santo Amaro, de onde veio. Sabia o peso de carregar aquele nome. O telefone sem fio da família diz que a retirada do Maria do registro da filha foi consequência de uma negociação entre os pais, os mais exagerados contam que quase foi motivo de separação. Os mais liberais criticavam a mãe por não permitir o nome por ser o mesmo de um grande amor da vida do marido e que ela deveria considerar que era uma homenagem à cultura. Os mais tradicionais defendiam a mãe: todo mundo vai lembrar da Maria Bethânia quando ouvir o nome dela, pra bom entendedor meio nome basta. Queria que o meio nome carregasse metade da força daquela mulher, fiel aos seus desejos, ligada à espiritualidade e às suas origens. Maria Bethânia é um acontecimento, cresceu ouvindo o pai dizer.

Para ela também, era a voz que conseguia acalmá-la quando se apavorava com as leituras e escritas que tinha que fazer para se tornar Mestre Bethânia. Pensava o que a Bethânia original diria para ela se a visse naquele estado, vivendo a base de café e

álcool, miojo e chocolate barato, levando uma vida protocolar, sem espaço para a vida fora daqueles dois prédios e sem conseguir caber dentro deles. Não a conhecia, mas já sabia que a decepcionaria. Repassava essa conversa imaginária, uma forma também de honrar a memória do pai, que sentia tanta saudade e com quem, por muitas noites ficou acordada em silêncio, ouvindo cada palavra que saía da boca de Maria, muitas vezes intercalada com vozes e acordes de Chico, Caetano, Gal, Tom, João, Vinícius, Milton, Elis, Belchior, Gilberto, Edu.

Pensava como o universo foi generoso quando colocou no mundo toda essa gente junta na mesma época. É igual cometa, a gente vê acontecer uma vez só, o pai brincava. Ficava feliz em ter no nome uma parte dessa história, mas pensava se não carregava junto com ele a expectativa do pai para que seguisse o caminho artístico. Era apaixonada por todas as artes, mas não tinha grandes talentos para nenhuma. Tocava violão por puro lazer, lia para se confortar com a ideia de que existem outras vidas e que as dores passam, escrevia para afrouxar o nó que apertava cada vez mais dentro dela, via filme para passar o tempo ou para chamar o sono.

Mas no último ano se afastou de tudo isso, há meses não lia qualquer coisa que não tivesse aquela estrutura quadrada que tanto a irritava: introdução, metodologia, discussão, resultados, considerações finais. Não entendia porque a universidade era tão aclamada como um espaço libertário e diverso se tudo tinha a mesma estrutura, as conversas dos colegas eram sempre uma disputa para ver quem falava mais difícil ou quem entendia mais da polêmica da vez.

Pensava na energia e esperança que tinham nos primeiros períodos, quando a vista da janela ainda era uma panorâmica da cidade, gostava de sentar na janela para ver a copa das árvores, o movimento das pessoas, os protestos que disputavam o som com o professor e davam alguma vida para a assepsia daquele lugar, branco demais, masculino demais, homogêneo demais. Sabia, naquela época, o que Caetano dizia quando cantou que a esperança é um dom que se tem dentro de si. O que não sabia era que poderia ser tão fácil perder um dom, deixa-la cair da corda bamba de sombrinha¹, desesperançar-se.

Em muitas aulas seu corpo estava ali, sentado na sala, com o caderno aberto, a caneta na mão, mas preferia se perder lá fora, colocando as normas, os artigos, as leis, os códigos, os julgamentos em segundo plano e cantarolando mentalmente uma música que trouxesse alguma tranquilidade, entendia a alucinação de Belchior e tentava, da forma

¹ Referência à “O bêbado e a equilibrista”, música de João Bosco e Aldir Blanc (1979)

que conseguia, suportar aquele mundo que sonhou muito, mas que a fez deparar-se com o tamanho da fantasia que criou na sua cabeça. Suportava a falta e a solidão com arte, se perdia na letra cantada, na letra escrita, na letra falada, fazia interpretações absurdas, mudava palavras que alteravam completamente o sentido do texto e se divertia com isso. Felicidades clandestinas eternizadas por Clarice, que também fez da palavra companhia e buscou nela o encaixe que não achou em nenhum outro lugar, estrangeira de tudo.

Dessas pequenas fugas diárias que a ajudavam sobreviver ao tempo que precisava para ter o título de mestre, gostava de sentar em um canto escondido do único espaço aberto no meio daqueles dois prédios. Canto esquecido por ser muito sujo, muito pichado, muito silencioso, muito melancólico. Às vezes encontrava seu refúgio ocupado por casais que se esfregavam, discutiam, ou qualquer coisa que também os tirassem das salas de cadeiras azuis, tablados, linguagem difícil, livros imensos com nomes em latim que carregam toda a legislação do país. Ficava próxima daquele sofá velho e rasgado que costumava sentar até que os casais percebessem e saíssem envergonhados, com pressa, arrumando cabelos e roupas.

Se acomodava ali entre um furo e outro, colocava no fone a voz de Maria no volume mais alto e se perdia. Naquela voz grave conseguia respirar. Tinha que respirar, todo dia². Ouvia quantas músicas coubessem no tempo de tomar um café e fumar um cigarro de palha. Fazia de tudo para que queimasse o mais devagar possível. Muitas vezes apagava ela mesma entre uma tragada e outra para não perder nenhum segundo daquela fuga que dava forças para voltar à superfície e encarar o caminho que precisava pra ser mestre. Iria atravessar o caminho até lá, seria Mestre Bethânia, não abandonaria a travessia agora que faltava tão pouco tempo e muita coragem, mas sabia que aquele não era mais seu lugar, precisava de mais cor, mais carinho, mais pureza, mais calma, mais alegria³. Sentiria saudades do aprendizado e das poucas amizades que fez, das paixões que viveu ali, mas não suportaria mais que o necessário, suas rotas de fuga ficariam cada vez mais escassas e ela não queria herdar do pai a desistência da vida.

Deu a última tragada no cigarro, tirou os fones, pediu licença e sentou no seu lugar, olhou na janela e soube que em pouco tempo aquela vista seria memória e desejo que outras trilhassem caminhos melhores ali dentro. Ia viver lá fora, não sabia como, mas viveria. Viveria com a estranha mania de ter fé na vida, buscando as Marias que perdeu

² Trecho de “Debaixo d’água”, música de Arnaldo Antunes (2001)

³ Trecho de “Sonhos”, música de Caetano Veloso (1982)

naqueles concretos. Enquanto anotava na agenda o próximo prazo, cantarolou, em silêncio: meu coração não se cansa de ter esperança de um dia ser tudo que é⁴.

⁴ Trecho de “Coração Vagabundo”, música de Caetano Veloso e Gal Costa (1967)